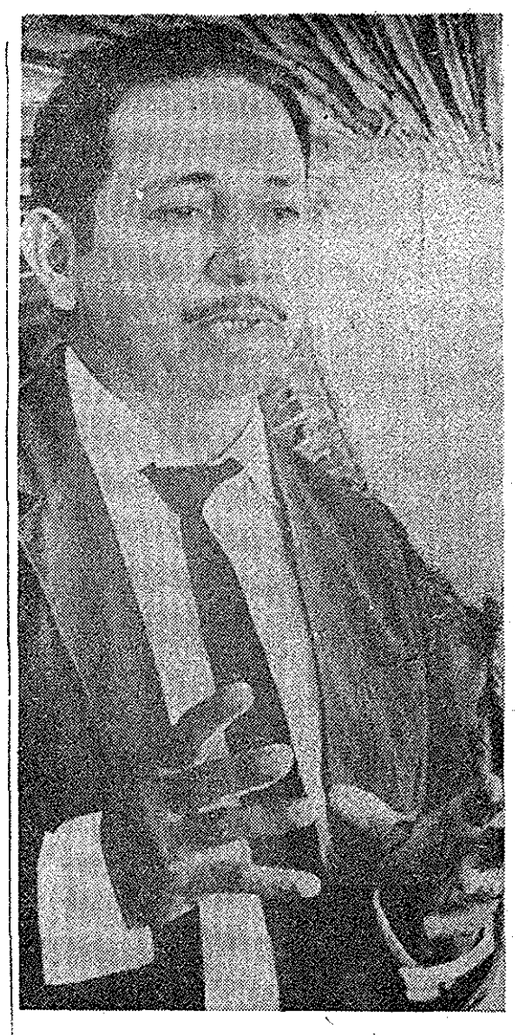
Acervo ISA

Atroaris chacinam sertanista Gilberto Pinto

OS 27 guerrilheiros **waimiris-atroaris** pareciam amistosos ou então estavam em dificuldades. Faziam sinais pedindo presentes, outros gestos indicavam fome. O sertanista Gilberto Pinto aproximou-se e foi a primeira vítima da chacina: uma flecha acertou seu peito, outra o fígado. Caiu morto enquanto os índios atacavam os outros funcionários da Funai no posto de atração Abunari II, no domingo. A golpes de terçados e bordunas, os guerreiros mataram João Bosco Aguiar, João Alves Monteiro e Oswaldo de Souza. O quinto funcionário, Ivã Lima Ferreira, conseguiu escapar para a mata e alcançar o acampamento Sul do 6.o Batalhão de Engenharia e Construção, a três quilômetros do posto. Mas os corpos dos quatro servidores mortos só ontem puderam ser resgatados e levados para Manaus, onde foram enterrados.

Foi o terceiro ataque dos **waimiris-atroaris** em três meses. E desde janeiro de 1973, 15 pessoas foram mortas pelos índios no Amazonas.



O sertanista Gilberto Pinto mantinha contatos com os waimiris-atroaris há 34 anos

Antes do ataque, gestos amistosos

Na manhã de sábado, 20 guerreiros **waimiris-atroaris** visitaram o Posto de Atração Abunari II precedidos por sete índios jovens que, em sinal de paz passaram a conversar com o sertanista Gilberto Pinto e os quatro funcionarios da Funai que se encontravam no posto. Os índios fizeram sinal de que estavam com fome e pediam insistentemente presentes mostrando flechas, arcos e bordunas querendo trocá-los por alimentos.

Diante da insistência dos índios, Gilberto Pinto comunicou-se por rádio com a chefia do acampamento do 6.o Batalhão de Engenharia e Construção, que fica a três quilômetros do Abunari, solicitando o envio de presentes e alimentos. Imediatamente, o coronel Arruda, comandante do BEC em Boa Vista enviou para o local um avião com os presentes e víveres, mas os índios insistiam em querer mais presentes. Um novo aviso foi transmitido para o acampamento militar, tendo o avião seguido para Manaus a fim de trazer novo carregamento, enquanto Gilberto Pinto dialogava com os índios pedindo que aguardassem a volta do avião. "Eles não vão esperar o avião, insistem nos presentes", foi o ultimo contato do sertanista com o 6.o BEC, no sábado. Os índios dormiram no acampamento junto com o sertanista e os funcionarios da Funai.

No domingo, às 5 horas, os índios acordaram primeiro e depois de conversar reservadamente entre si assumiram suas posições de ataque aguardando o grito de guerra do chefe Comprido, autor dos massacres de 2 de outubro e 19 de novembro. Ao ouvir os gritos de guerra, Gilberto Pinto levantou-se da rede e correu para fora do acampamento, tentando conversar com os índios. Ao ficar de frente para o chefe Comprido, Gilberto recebeu duas flechadas atingindo-lhe o tórax, à altura do coração e do fígado, ao mesmo tempo em que os 27 guerreiros chacinavam quatro funcionários a golpes de terçados (que encontraram no acampamento) e bordunas.

Flechado mortalmente, Gilberto Pinto ainda tentou entrar no acampamento, mas caiu na porta. Os funcionários João Bosco Aguiar e João Alves Monteiro caíram com várias flechadas enquanto Oswaldo de Souza Leal Filho corria em direção ao rio, atingido pelas flechas. O quarto funcionário, Ivã Lima Ferreira escondeu-se no interior do posto e aguardou que os índios abandonassem o local. Depois de esperar mais de uma hora, Ivan correu pela mata e atingiu o acampamento do 6.o BEC, onde pediu socorro. Enquanto Ivã era atendido pelo enfermeiro do BEC acometido de uma crise nervosa, um grupo de trabalhadores e oficiais do BEC seguiu para o local da chacina, lá encontrando os três corpos — do sertanista e de dois funcionários — próximos ao posto Abunari. Depois de consumarem a chacina, os índios deceparam a terçadadas o pescoço do funcionário João Bosco e fizeram vários golpes nos braços e pernas de João Alves, para depois saquear o acampamento e destruir o aparelho de rádio.

Os quatro corpos foram resgatados e transportados para Manaus em um táxi aéreo do Comando Militar da Amazônia. Os corpos chegaram à Capital amazonense ainda com flechas encravadas, que foram extraídas para que os cadáveres pudessem ser colocados nas urnas funerárias, como foi o caso de João Bosco, que veio com uma lamina de aço de cerca de 25 cm atravessada no pescoço, e Gilberto, que ainda foi transportado com duas flechas no corpo.

O sobrevivente Ivã Lima Ferreira continuava ontem depondo no 6.º Batalhão de Engenharia e Construção, em Boa Vista, relatando os acontecimentos. Ivã é um índio aculturado, da tribo dos **saterês**, do Alto Rio Negro, e há muito tempo trabalhava com Gilberto Pinto. Hoje, o sobrevivente deverá seguir para Manaus, onde prestará esclarecimentos na delegacia da Funai. Gilberto Pinto voltaria ontem para Manaus, depois de conversar com o chefe tribal Maroaga, comandante dos **waimiris-atroaris**.

Primeira chacina foi há 28 anos, para defender terras

EXATAMENTE há 28 anos, os índios waimiris-atroaris realizavam a sua primeira grande chacina contra os brancos invasores de suas terras. Contudo, os conflitos dos índios com os brancos datam de 1940, quando habitavam ainda a região do Alto Rio Negro, próximo ao rio Demeni, de onde, aos poucos foram sendo empurrados para o interior da selva pela presença de balateiros e caçadores.

Em 1946, a 31 de dezembro, os índios travaram o primeiro atrito com os brancos, quando atacaram o posto de atração do extinto SPI, nas margens do rio Camanau, matando três funcionarios.

A partir dessa primeira grande chacina, os índios passaram a viver em constante fuga, mudando suas malocas mais para o interior da mata, evitando o contato com a civilização temerosos de uma represalia dos brancos. No ataque de 1946, houve um unico sobrevivente, Luiz Antonio Carvalho Filho, hoje com 28 anos de idade e funcionario da Funai em Manaus. Seus pais trabalhavam no posto como chefe e interprete do SPI, quando foram atacados. Sua mãe, grávida, conseguiu escapar, fugindo numa canoa. Duas horas depois, em pleno rio Camanau, começou a sentir as dores do parto, é meia hora mais tarde dava à luz sem qualquer ajuda. Luiz Antonio Carvalho Filho e sua mãe foram resgatados por um grupo de pescadores que os levou para o acampamento do SPI em Moura, no Alto Rio Negro. E hoje, quando ouve noticias de chacinas dos **waimiris-atroaris**, Luiz Antonio diz que "sente um arrepio no corpo e pensa no sofrimento e na dor da mãe, fugindo do ataque para salvá-lo".

Quem são

Bastante primitivos, em fase de atração, do tronco linguistico karib, os **waimiri-atroari** habitam a região dos rios Alalau, Camanau, Autuman e Jauaperi e do igarapé Santo Antonio do Abonari, ao Norte do Estado do Amazonas, área de influencia da rodovia Manaus-Caracaraí. Anteriormente, habitavam toda a margem esquerda do rio Negro, desde o Urubu até o Jauaperi. Com uma população atual calculada de 600 a mil índios, a tribo, até agora, teve localizadas 13 de suas aldeias, esparsas naquela área e identificadas pelos tripulantes de aviões que voam sobre a selva amazonica. Durante muito tempo, esses indigenas se recusaram a aceitar qualquer contato com os civilizados.

De compleição forte, a maioria dos **waimiri-atroari** é constituida por homens altos, com 1,80 metros, embora alguns tenham 1,60. Morenos cor de jambo, cabelos pretos sedosos, a cabeça raspada pouco acima das orelhas, os homens têm ombros largos, pernas e braços longos e quadris afunilados. As mulheres, por sua vez, têm quadris estreitos e busto pequeno. Alimentam-se de caça, pesca e de produtos agricolas cultivados de forma incipiente, como a mandioca, a cana-de-açucar, a banana, o abacáxi, o cará e a batata-doce.

Os homens usam apenas uma especie de cinto, feito com voltas sucessivas de cipó, e preso atrás e na frente por um cordão que passa entre as pernas. As mulheres trazem uma tanga confecionada com caroços de bacabá — fruta natural da região — presos a um tecido de tucum, que cobre apenas a parte dianteira e é amarrada à cintura.

India atroari

O sinal de ataque

Desde a chacina da expedição Calleri, em 1968, que os **waimiris-atroaris** criaram uma estratégia nova de guerra: antes de atacar os acampamentos da Funai eles inspecionam a área, deixando no local flechas cruzadas com penas de arara vermelhas. Isso eles fizeram em 68, em janeiro de 73 e agora, a 26 de dezembro, fato denunciado por dois trabalhadores da estrada Manaus-Caracaraí, que conseguiram fugir de Roraima e chegar a Manaus. Mas a Funai, alheia às causas e consequências dos ataques praticados pelos **waimiris-atroaris**, desmentiu as afirmações dos mateiros, dizendo que "eles estão dizendo isso como pretexto para deixar a mata e e vir passar o Ano Novo na Capital", afirmava uma nota da delegacia do órgão em Manaus.

Mesmo não acreditando que as flechas cruzadas deixadas pelos índios eram o sinal de guerra, o prenúncio de novo ataque, a Funai enviou o sertanista Gilberto Pinto para a região do Alalau e Camanaú para conversar com o índio Comprido, que chefiou as duas chacinas de outubro e novembro, tentando convencê-lo a retornar ao convívio dos demais índios, sob o comando do chefe tribal Maroaga. Sábado, Gilberto Pinto encontrou-se com Maroaga, a quem presenteou com um colar de missangas e um relógio da Zona Franca. Não conseguiu falar com Comprido; este só foi ao encontro do sertanista com o grupo que o matou.

Vida feliz na selva

"Estou pedindo minha aposentadoria. Se a Funai quiser, continuo trabalhando para ela, depois de aposentado. Não saberei ficar longe da selva, do cheiro azedo desses índios, dos risos estampados nos rostos ingenuos dos curumins". Essa era a posição do sertanista Gilberto Pinto de Figueredo Costa, funcionário do Ministério da Agricultura — por onde estava se aposentando — à disposição da Funai — da qual pretendia um novo contrato — uma semana antes de sua morte.

Casado, 49 anos, nove filhos, Gilberto ingressou aos 15 anos, como servente, no extinto Serviço de Proteção aos Índios, no dia 2 de janeiro de 1941, sendo promovido depois a encarregado regional e a sertanista. A ele coube a atração dos **waimiris-atroaris**, em 1968, logo depois do ataque em que foram mortos o padre Calleri e sua equipe, conseguindo tornar-se amigo do chefe geral das tribos, Maroaga. Recentemente, Gilberto recebeu, por seu trabalho, a Medalha do Mérito Indigenista, na categoria de Pacificação.

Calmo e de facil dialogo, Gilberto dizia aos amigos que não conhecia as alegrias da vida moderna. Longe da família, vivendo mais na selva, não viu nascer quatro dos nove filhos, e não assistiu à morte e enterro da mãe em 73. "Aos meus filhos, dizia ele, eu pouco posso falar da vida, orientá-los porque o meu convivio com eles é esparso. A tarefa fica a cargo da mãe. Não me considero um pai amoroso, porque o tempo não me permite, estou sempre longe dos filhos nos seus momentos mais sublimes: nas comemorações dos seus natalicios".

De sorriso facil, Gilberto encarava as dificuldades da vida com a mesma alegria que ele sentia quando se encontrava com os curumins (indio pequeno) nas aldeias dos **waimiris-atroaris** ou quando via nascer um filho seu. "A convivencia com seres diferentes, de uma sensibilidade vulneravel, me ensinou a ser frio e introvertido nos momentos de dificuldades. Nem mesmo quando sofri a grande decepção como sertanista (ele não revelava qual a decepção), me senti um homem triste ou frustrado. Disse a mim mesmo que venceria a fase, como venci: tenho uma esposa compreensiva e excelentes filhos, obedientes e caprichosos nos estudos".

"Eu prefiro a selva à cidade, e preciso educar os meus filhos. Preciso me dedicar mais à família, da qual estou sempre afastado", dizia Gilberto Pinto, morto pelas pessoas que mais admirava: os índios que durante 34 anos absorveram o seu tempo, impedindo-o de conhecer melhor as alegrias da vida moderna.

O 'Pai Gilberto' só queria a paz

Setenta e dois dias após o massacre que os **waimiris-atroaris** praticaram contra quatro funcionários da Funai, a 18 de janeiro de 1973, Gilberto Pinto do Figueiredo conversou durante duas horas e meia com o repórter Manoel Lima, do "Estado". Em sua residência, em Manaus, falou a respeito de sua longa convivência com os **waimiris-atroaris**, pelos quais era chamado carinhosamente de "pai Gilberto". Mas, alegando razões éticas, pediu aos jornalista que só divulgasse as declarações depois de sua aposentadoria: "Acho que a Funai me liberará no ano que vem. Se eu não me aposentar, mas morrer exercendo a profissão, pode publicar assim mesmo". Eis o depoimento:

Eu nunca duvidei da tenacidade e da força desses índios. E" claro que essa minha observação jamais — até quando eu for funcionario da Funai — poderá ser dita ou publicada. Isso só prejudicaria o trabalho de aculturação até agora realizado junto aos waimiris-atroaris. Sou criticado e até ameaçado pelas familias dos trabalhadores que tombam diante das flechas e bordunas malignas desses índios, algozes e violentos, mas sei que estou cumprindo o meu dever. Um dia eles hão de compreender o sacrificio. Já não penso na familia, nos meus nove filhos. Só penso na paz que eu poderei dar um dia a esses índios, mesmo sabendo de seu carater violento, da sua rebeldia, da sua vontade de matar o branco.

O índio waimiri-atroari é um ser tão sensivel — como todos os índios — que um menor olhar diferente do branco é suficiente para ferir a sua sensibilidade. Eu nunca quis saber por que os índios matam ou deixaram de matar. Eles sempre deixam alguém para contar a história. Eu sei que, se eu perguntasse, eles se revoltariam, mas a Funai sempre quis que eu os interrogasse para saber as causas que os levaram a chacinar os trabalhadores. Eu não faço isso. Depois de qualquer chacina eu volto ao Alalau ou Abunari com a mais absoluta confiança nos índios. Estou cansado de ilusões; se peço mais gente, não me dão; se peço aumento de salário para o pessoal, também me negam. Quem é que quer ir para o mato, sofrer, ficar longe da família para ganhar um ordenado de fome? Eu vou porque é a minha profissão. Só sei fazer isso, aliás sempre fiz isso na vida, desde os 15 anos de idade, embora saiba que a profissão é ingrata, que ninguém a reconhece. Medo dos índios eu não tenho; confio neles. Tenho-os como meus filhos, considero-os o prolongamento da minha casa. Ando armado de revolver na floresta mas não atiro nos índios em caso de um ataque. Se me matarem um dia, paciencia. Fico feliz da vida quando um índio adulto se aproxima de mim e me chama de "pai Gilberto". Nunca perguntei — e jamais perguntarei — ao índio por que ele ataca os brancos, porque ele na certa vai querer saber de mim por que os brancos saqueiam e matam também os índios; o que quero com os índios é pacificá-los, nunca levantar polemica com eles. O índio também gosta de discutir os seus problemas com o branco, quando este torna-se seu amigo e confidente. Acusam-me inclusive de inabil, inexperiente e responsavel pelas chacinas. Eu não mudei as caracteristicas dos índios. A penetração das frentes pioneiras em suas áreas é que mudaram a índole do waimiri-atroari, eu não. Fiz e faço o que é possivel.

Eu sempre desejei falar abertamente sobre os waimiris-atroaris, mas nunca me deixaram. Não seriam criticas à politica da Funai, mas uma analise sobre o comportamento desses índios, tidos como guerreiros e ferozes. Quando assediado por jornalistas, sou ameaçado de demissão. Por isso prefiro não falar, porque assim trabalho mais.

Os índios estão satisfeitos com o nosso trabalho (dele e da Funai). Não sei explicar as razões que levaram os índios a praticarem tantos massacres. Não sei, porque nunca perguntei a eles. Só quero vê-los pacificados. Eu ainda viverei para ver o meu trabalho coroado de exito, com o índio aceitando o contato permanente com o branco.

Não imito ninguém. Procurei criar o meu proprio metodo de trabalho, mas não deixo de observar e seguir um pouco a tecnica e a estrategia de trabalho dos Villas Boas. A pratica e a convivencia de 33 anos com os índios me ensinaram a trabalhar e a lider com eles. O meu metodo é muito simples, como simples eu sou fora da minha profissão: jamais procuro ser curioso com as coisas indigenas. Isso facilita o nosso trabalho. O índio é curioso mas não quer que ninguém se interesse por suas coisas.

Os waimiris-atroaris são guerreiros e astuciosos, mas não são antropofagos, como chegaram a afirmar. Eles queimam os cadaveres das vitimas e guardam as cinzas como lembrança de uma vitoria sobre os brancos. Certa vez um índio jovem me trouxe num balaio um bocado de cinzas, que cheiravam mal. Observei tudo sem dizer-lhe nada. Depois, quando outros índios se aproximaram rindo e alegres, disse-lhes: muito cheiroso. Só fiz ver a eles que aquilo não me incomodava em absoluto. Não sei se fiz mal em assim proceder, mas era a melhor maneira de os índios confiarem em mim.

Muitas vezes nos relatorios que faço à Funai eu conto passagens como esta, interessantes, e o general Coutinho (ex-delegado em Manaus) dizia-me sempre: Gilberto, isso é mau. Não confie muito nesses índios. Eles são traiçoeiros. E eu então replicava: enquanto eu agir a meu modo, eles nada farão comigo. Eles me respeitam e me querem bem. Mas não me temem também por eu andar armado, pois são índios corajosos.

Falta pessoal *especializado e experimentado em lidar com os índios. Os postos de atração não oferecem segurança nenhuma. Os homens ficam abandonados em plena mata, sem qualquer condição de reagir a um ataque. O índio também não lhe dá chance. Há muita diferença entre onosso trabalho e o que a Funai realiza na área do Xingu. Lá há condições de se aculturar o índio, aqui não. Os índios daqui estão voltando de onde eles vêm: do primitivismo. Isso não é atrair nem pacificar o índio. E' torná-lo um ser revoltado, uma das razões das chacinas.*

Os Lusíadas

Canto terceiro

Luiz de Camões

Continuação

carniceiros,

Continua

Cobertura da Sucursal de Brasília, correspondentes em Manaus e Boa Vista e do repórter Manoel Lima

Rangel Reis reconhece direitos dos índios

O ministro do Interior, Rangel Reis, disse ontem aos jornalistas, em seu gabinete, que "os índios têm razão quanto a reivindicações a respeito de terras", acrescentando que pretende visitar — no máximo até fevereiro — a região dos bororós e xavantes, a fim de ver pessoalmente a situação da área que é, a seu ver, "delicada".

Rangel Reis acha, também que os fazendeiros "não entendem certas coisas" a respeito dos indígenas, e lamentou "profundamente" que o sertanista Gilberto Pinto tenha sido chacinato justamente "por aqueles que ele mais considerava "como irmãos", e que ajudou a aproximar da civilização.

O superintendente adjunto da Funai, Gelcimar Soares dos Santos — que responde na ausencia do diretor do órgão, general Ismart Santos, de férias no Rio — informou que na sexta-feira passada, mais ou menos às 17 horas, o sertanista Gilberto Pinto falara pelo rádio com Brasília. Com voz pausada, confirmara que "tudo vai bem", e mostrava-se satisfeito por se encontrar na região. O sertanista passava o Natal com sua família quando soube que "havia anormalidades" no posto de atração Abunari II, no Norte do Amazonas, devido a subita presença de trinta indígenas waimiris-atroaris. Preocupado, ele despediu-se dos filhos e da mulher e viajou apressadamente para o local, de avião, mas à noitinha mandava as primeiras notícias, "todas eufóricas".

No dia seguinte, pelas informações da 1.a DR de Manaus, reafirmava que havia calma, "que tudo estava sob controle", embora não desse maiores pormenores. O sertanista prometia, inclusive, voltar a manter contato no domingo — o que não aconteceu. No mesmo dia, por volta das 13 horas, a Funai foi informada em Manaus de que persistiam os problemas na area do posto Abunari II, e horas depois, desesperados e nervosos, os funcionarios confirmavam a chacina, não só do sertanista mas também dos companheiros João Bosco Aguiar e João Alves Monteiro. O servidor Osvaldo de Souza Leal Filho continua desaparecido, enquanto um outro funcionario, Ivã Lima Ferreira, encontra-se a salvo, "mas em deploravel estado de nervos", no 6.o Batalhão de Engenharia.

Por determinação do presidente da Funai, general Ismar Santos, todo o pessoal que se encontra lotado na região foi logo retirado "até segunda ordem", e localizado ao longo da estrada, a fim de dar apoio aos trabalhos da rodovia. A Funai está estudando uma formula de como retornar à região, enquanto um inquerito administrativo foi aberto para apurar as causas do incidente.

Para o ministro Rangel Reis, que permanecerá em Brasília durante a passagem do ano, lendo literatura policial, "a Funai terá de agir cautelosamente com essas indígenas", pois o assunto preocupa seu Ministério: "Afinal, para 1975, não temos maiores preocupações senão quanto a índios e pretendemos integrá-los rapidamente na população, embora usando todo cuidado e diplomacia possiveis".

Essa preocupação se refere principalmente — aos do Centro-Oeste — continuou o ministro — "problema, aliás, já do conhecimento e interesse pessoal do presidente Geisel. Pretendo, inclusive, ir à região dos Bororós e Xavantes e ouvi-los pessoalmente sobre as suas reivindicações".

Sobre o sertanista Gilberto Pinto, Rangel Reis considera-o "um funcionario exemplar, cuja perda é irreparavel". Segundo o superintendente-geral Gelcimar Soares, o sertanista morto mantinha contatos com os waimiris-atroaris desde 1940, quando ainda trabalhava como servente do órgão.

— O Gilberto tinha muita experiencia, e deve ter havido algo de muito sério para que os índios o tenham liquidado assim, friamente. E' bom lembrar, inclusive, que nada menos de catorze missões oficiais — desde 1950 — foram liquidadas por esses indígenas.

O que os funcionários da Funai não entendem é como o sertanista, "com tanta experiencia com os waimiris-atroaris", não tenha desconfiado de que algo de anormal se passava na região. Somente com o depoimento do sobrevivente Ivã Lima Ferreira será possivel "juntar todos os fatos, bem desagradaveis para todos nós". As primeiras noticias de como teriam morrido Gilberto e seus companheiros dizem que eles foram liquidados "de forma brutal, os corpos totalmente flechados, e os pescoços quebrados". Os funcionarios da Funai do posto Abunari II, em comunicado para Brasília, revelaram que ficaram paralisados com o chegada dos vinte e sete índios, "sem mulheres e sem crianças", indicio de que existe algo de anormal". Convocaram imediatamente Gilberto Pinto, que não se negou a viajar para a área, apesar de estar com a família, devido às festas de Natal.

O sertanista e seus companheiros mortos foram enterrados imediatamente, devido "ao estado terrivel de seus corpos", no cemiterio de Manaus.